

Sarney elogia Forças Armadas por submissão ao poder civil

JORNAL DO BRASIL

20 DEZ 1986

Brasília — “Forças Armadas integradas, corresponsáveis pelos ideais maiores da democracia, submetidas ao poder político, que é a síntese de todos os poderes, porque emana da vontade soberana do povo”, foi o que afirmou o presidente José Sarney, durante o almoço de fim de ano com os oficiais-generais das três Armas, no Clube Naval de Brasília.

Referindo-se ainda às Forças Armadas, o presidente disse que nenhum estado moderno “delas pode prescindir, diminuí-las ou marginalizá-las. Elas são a segurança necessária para progredir.” Sarney assegurou que seu governo apoiará, “com determinação”, a melhoria profissional, o adestramento e a modernização das Forças Armadas, “sem esquecer a necessidade de medidas de apoio social aos nossos homens de farda que, como brasileiros, sofrem todos os efeitos da conjuntura”.

Sentimento do Dever

O presidente Sarney afirmou também que tem “a visão histórica do que representa para o país um Exército, uma Marinha, uma Aeronáutica modernos, atualizados, prontos para assegurar a soberania do país, manter sua integridade, a ordem, as instituições democráticas. Aptas a cumprir uma missão”.

Falando em nome dos ministros do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves e da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, o ministro da Marinha, almirante Henrique Sabóia afirmou que o motivo do almoço não era simples confraternização: “Viemos aqui, senhor presidente, na realidade para expressar ao nosso comandante supremo o sincero reconhecimento do Exército, Aeronáutica e Marinha. Vossa Excelência nos deu, permanentemente, no exercício do cargo de Presidente da República, extraordinário exemplo de sentimento do dever”.

O ministro da Marinha citou recente pronunciamento do presidente Sarney no

qual ele afirmou que “a única coisa que um Presidente da República não tem o direito de fazer é deixar de cumprir seu dever, em qualquer circunstância”, para acrescentar: “Podemos observar, nas suas decisões e atitudes, uma ampla e constante sujeição a essa verdade. Esse exemplo, pelo qual estamos agora lhe expressando publicamente nosso reconhecimento, possui dois aspectos distintos a destacar.”

O ministro da Marinha disse que o primeiro aspecto é o que sensibiliza os integrantes das Forças Armadas como cidadãos brasileiros “e nos incentiva a redobrar esforços na superação de obstáculos, a não esmorecer nos trabalhos e a proporcionar as finalidades maiores de nossas instituições avante de quaisquer outras”. O segundo “é o que nos impressiona como membros do Exército, Aeronáutica e Marinha e faz relembrar que uma das bases institucionais das Forças Armadas, a disciplina, traduz-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um de seus componentes”.

Democracia Solidária

O presidente José Sarney, em seu pronunciamento, antes de levantar com os oficiais-generais um brinde ao Brasil, afirmou que o país consolida cada vez mais uma democracia solidária, “sujeita ainda, é claro e compreensível, às doenças da primeira infância. As tensões sociais diminuem. Os conflitos verdadeiros são enfrentados e os conflitos simulados, artificialmente criados, morrem pela falsidade de suas origens, desprezados pelo próprio povo”.

No setor externo, Sarney disse que o país sofre grandes pressões. “O Brasil, com a dimensão que adquiriu, estabeleceu áreas de atrito e disputa de interesse com países desenvolvidos. Temos que ser fortes, para negociar com firmeza e soberania. Sabemos que é muito difícil o

caminho da libertação econômica. Sabemos que temos que contar somente com nossos próprios recursos, naturais e humanos. Sabemos que precisamos criar condições internas capazes de nos livrar de todas as dependências. Esse caminho é longo. Mas o difícil é começar. O Brasil já começou”.

Falando em tom pausado, de pé, à cabeceira da mesa onde se encontravam os três ministros militares, o ministro chefe do EMFA, o chefe do Gabinete Militar e mais sete oficiais-generais do mais alto posto, e para uma platéia composta por cerca de 150 oficiais-generais das três Armas, Sarney afirmou que o instrumento de que o Brasil dispõe é o desenvolvimento econômico: “Crescer. Crescer sempre. Nada de regredir. Nada de recessão. O crescimento é a chave para a solução de nossos problemas. O pior inimigo da estabilidade, da paz, da ordem é a estagnação, com todos os seus males que vão do desemprego à fome. Não se pode, dizia Tobias Barreto há um século, pedir paciência a quem tem fome”.

“Esse é um campo de grande competição que não permite sonhar com milagres ou concessões generosas. Temos de ganhar essa guerra com nossa pertinácia, trabalho, suor sem lágrimas. Na base de todo esse projeto está a construção de instituições fortes, de um regime político pluralista, aberto, que acredite na força criativa da liberdade, da competição, da livre iniciativa, dos valores espirituais, sabendo que o homem tem uma missão transcendente como criatura de Deus. Ter fé”.

O presidente Sarney chegou ao Clube Naval, às margens do Lago Paranoá, às 12h30min e foi recebido pelos três ministros militares. Depois de cumprimentar toda a oficialidade, ele participou de um coquetel e em seguida, do almoço, no restaurante do clube. Sarney deixou o clube às 15h, direto para o Palácio do Planalto.

Presidente exalta democracia

Brasília — O presidente José Sarney, ao receber os cumprimentos de fim de ano do Corpo Diplomático, disse que a restauração da democracia está ajudando o país nas suas iniciativas internacionais. “A sintonia entre nossa democracia interna e nossa ativa participação internacional se expressa nos resultados significativos do balanço diplomático deste ano”, explicou.

O presidente destacou ainda a importância da democracia na melhoria das condições de vida do povo brasileiro: “Devemos provar, na prática, que a democracia melhora e dignifica a vida do homem. Deixamos para trás o desemprego e o desânimo. Diziam-nos que levaríamos 10 anos para recuperar o nível econômico de 1980, mas o faremos em pouco mais de dois anos”.

A cerimônia aconteceu no Salão Oeste do Palácio do Planalto. Uma das ausências notadas foi a do embaixador de Cuba, Jorge Bolaos, que está fora do país. Os embaixadores dos Estados Unidos e da União Soviética ficaram

próximos um do outro enquanto aguardavam a apresentação ao presidente, mas não trocaram palavra. Depois dos cumprimentos, houve um rápido coquetel.

Antes do presidente Sarney, discursou o Núncio Apostólico, D. Carlo Furno, em nome do Corpo Diplomático. Ele ressaltou que a experiência democrática do Brasil é “digna do mais atento interesse, pelas finalidades que ambiciona em favor do povo menos favorecido e pela coragem no caminho percorrido”.

— Após o espetáculo de civismo das eleições de 15 de novembro passado, em que o povo brasileiro elegeu seus representantes, não terá menos interesse a formulação de uma nova Constituição. De fato, um país continental como o Brasil não deixará de apresentar suas originalidades em assunto de tantas conseqüências, que marcará, sem dúvida, uma etapa de importância histórica no glorioso cami-

nho da Nação - acrescentou D. Carlo Furno.

Para qualquer pessoa, fim de ano é época de cumprimentar amigos e parentes. Para o presidente da República, esse hábito vira uma obrigação cansativa. Nos últimos 15 dias, só em cumprimentos de fim de ano, o presidente Sarney distribuiu mais de 1 mil 800 apertos de mão, segundo cálculo do chefe do cerimonial do Palácio do Planalto, embaixador Alves de Sousa.

Primeiro foram os parlamentares - cerca de 400 apertos de mão a deputados e senadores de todos os partidos que foram ao Palácio do Planalto desejar feliz Ano Novo ao presidente. Depois, 40 integrantes do poder Judiciário; 500 funcionários dos ministérios, liderados pelos respectivos ministros; e 600 funcionários da Presidência da República. Ontem, a maratona de apertos de mão terminou. De manhã, foram 160 representantes do Corpo Diplomático e à tarde, cerca de 100 jornalistas.